

# MARÉ VIVA

Director: ANTÓNIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO IV — N.º 178 — Preço 5\$00 — 3/1/80

## CASAS DA PONTE DE ANTA

# Concurso no início do ano

O executivo camarário em exercício recebeu da Direcção Geral de Habitação do Norte um ofício a informar que o concurso para as habitações do complexo da Ponte de Anta deverá abrir no início deste ano. Depois de complicado e moroso processo as muitas famílias com problemas de habitação poderão meter o requerimento, mas só quando for marcado oficialmente o início do concurso, o que depende das entidades superiores e não da Câmara. Resta, portanto, aguardar (mais um bocadinho) a proclamação oficial e aguardar (quanto

tempo?) os resultados.

Nesta reunião, levada a cabo poucos dias antes da consagrada natalícia e quando já eram concluídas as contas eleitorais que fizeram alguns cidadãos de largas ambições abrandar o regozijo e meter a viola no saco, pouco mais haverá a relatar. Apenas será de salientar que, por solicitação da Comissão de Turismo, foram atribuídos ao Clube Académico de Espinho, ao Aero-Clube da Costa Verde e ao Cinanima subsídios para custear troféus distribuídos, no valor de cinco

contos (para o primeiro) e de dez contos (para os dois últimos).

O viaduto também esteve na ordem do dia, pois a Câmara deliberou averiguar (como é da praxe) acerca das razões (revisão de preços e trabalho não previsto) que fizeram subir a verba inicial de 23.080.819\$80 para 38.073.467\$00.

Ainda antes do fim do ano terá sido levada a cabo uma última reunião, a mais burocrática de todas, a fim de tudo ficar em ordem para que a nova equipa comece o trabalho.

## AS JANEIRAS

Foram quinze dias cheios de música nas ruas da cidade. O Coro Popular de Espinho fez de novo reviver, este ano com mais força, a rica tradição das janeiras. Que as pessoas gostaram, viu-se pela alegria e generosidade com que reagiram. Agora, há ainda a Grande Festa. Depois... esperar pelo próximo ano!

— MAIS «JANEIRAS» NA PÁGINA 9



Mais uma vez, o Coro Popular de Espinho encheu as ruas da cidade de música e alegria.

## MARIA DE LURDES PINTASILGO

Várias são as maneiras de governar, embora muito poucas as que têm como meta verdadeira e orientação fundamental servir o povo. Maria de Lurdes Pintasilgo escolheu uma das mais difíceis: fazer do acto de governação uma atitude de inteligência e empenhamento quase militante, definidos por uma grande honestidade, rigor de processos e ligação aos problemas populares que foram uma lufada de ar fresco que, nos melhores momentos, foi capaz de nos limpar o corpo e o espírito e apontar sonhos que iam já sendo soterrados na lama das conveniências.

Porém, feita a análise do que se foi passando ao longo destes últimos meses e ouvidas as recentes tomadas de posição pública da primeira mulher primeiro-ministro que tivemos, somos mais uma vez postos perante a evidência de que mais do que honestidade de actualização, rigor de processos e defesa dos interesses populares parece contar sobretudo a prática daquilo que poderíamos chamar de «política dos profissionais» com todo o seu séquito de seguidores oportunistas e baluladores.

Vencida nesse combate inglório, prisioneira também das próprias contradições da sua personalidade incómoda e do cerco de másvontades e intrigas da direita, nem por isso Maria de Lurdes Pintasilgo nos deixa pela porta lateral. Ao contrário, pensamos que o seu exemplo irá ser cada vez mais presente nos tempos que se avizinham, e a sua obra imperfeita e contraditória contribuiu para nos manter vivos e despertos para o muito que há-de ser feito.

## ASSEMBLEIA MUNICIPAL

# Novas Câmara e Assembleia já no dia 5

Com as eleições realizadas e conhecidas já as novas caras que terão assento na próxima Assembleia Municipal, aos elementos que compunham a que agora terminou, nada mais restaria que cumprir calendário e imposições legais.

E foi um pouco isso, um lavar de cestos, com todos os elementos já pouco convictos nas suas posições, que teve lugar a última sessão da A. M. no passado dia 28 de Dezembro, que seria uma das mais pequenas em tempo. Meia hora da manhã, muitos cumprimentos, votos de boas entradas e melhores saídas.

### CURIOSIDADES

Ferreira de Campos, (PSD) ausente, em carta enviada, saudou a Assembleia cessante e regozijou-se pela prova de democracia que representou o trabalho desenvolvido. Lamentou-se dos complexos de esquerda que a A. M. teve para com a Solverde, entendendo que é necessário viver com todos.

O jornal «Defesa de Espinho» ao contrário de todos os restantes jornais da localidade, apresentou uma conta para que a Assembleia lhe pague a publicação de um edital convocatório. A bola foi passada à nova Assembleia pois não seria justo pagar a um jornal e não pagar aos outros. Os anúncios das realizações das sessões da A. M. tem um carácter de interesse público geral e de informação e por isso a atitude daquele jornal não foi percebida pelo Presidente Avelino Zenha.

Uma castanha quente foi também endossada à próxima Assembleia. Trata-se do aumento

das tarifas da água. — Mas o que dizer do facto de algumas firmas em Espinho não pagarem as novas taxas da electricidade que prejudicam os Serviços Municipalizados em 6.000 contos por ano? — Quem o disse à Assembleia foi o funcionário sr. Pinheiro dos S. M. E. — A quem compete fiscalizar isto? — O Presidente da Câmara diz que se tem que ver isso, embora o facto já seja do conhecimento Ministerial, que parece remeter-se a um deixa passar!!!!

A APU, por intermédio de Jorge Carvalho, lamentou que requerimentos seus feitos há 26 meses, não tivessem tido resposta da Câmara Municipal.

Recordou serem ilegais as novas taxas que estão a ser cobradas nos mercados por não ter sido publicado o respectivo regulamento pela A. Municipal que a tal autoriza. Considerou positivo o balanço do trabalho desenvolvido, onde a APU teve uma posição crítica mas leal. Realçou e agradeceu a presença nas Assembleias da maioria dos vereadores e particularmente do Presidente da Câmara que ali, de olhos nos olhos, esteve sempre disposto a responder, desejando que no futuro o mesmo aconteça.

### NÃO PREJUDICAR O FUTURO EXECUTIVO

A vontade manifestada por Artur Bártolo, de não prejudicar a acção futura da nova Câmara, dando-lhe os instrumentos legais para trabalhar (orçamento) condicionaram toda a discussão. — Também o pouco tempo que os elementos

continua na página 8

## NOVA DIRECÇÃO DA NASCENTE

Iniciada no dia 15 de Dezembro, depois suspensa e retomada no dia 20, realizou-se a Assembleia Geral da Nascente, com o fim principal de proceder à eleição dos Corpos Gerentes da Cooperativa para o ano de 1980. Assim, foi aprovada a seguinte proposta, apresentada pela anterior direcção:

**MESA DA ASSEMBLEIA GERAL** — Presidente, António Ferreira Gaio; 1.º Secretário, Carlos Pinheiro de Moraes; 2.º Secretário, Victor Manuel Gonçalves de Sousa; Suplentes, Augusto Marinho da Mota e Manuel Braga Rodrigues da Costa.

**CONSELHO FISCAL** — Presidente, José Ferreira Oliveira Salvador; Relator, Alfredo Casal Ribeiro; Secretário, Daniel Ferreira Dias; Suplentes, Fernando Monteiro de Menezes e Alfredo Peixoto Casal Ribeiro.

**DIRECÇÃO** — Presidente, Hernani Fonseca da Cruz Barrosa; Vogais, Alvaro Fernando Cordeiro Ferreira da Silva; António Eduardo Gomes de Oliveira; António Fernando Alves dos Santos; Eduardo Alberto Gonzaga Mendes; Eugénio Henrique Vieira de Moraes; José Augusto Dias Carneiro; José Joaquim Rodrigues Ferreira; José Oliveira da Silva; Manuel Fernando Almeida Moraes e Maria Laurinda Amaral da Cunha.

A Assembleia Geral decidiu, além disso, proceder à actualização das quotizações e do preço do «Maré Viva», que passará a custar por unidade 6 escudos.

Ficou decidido que:

Sócios maiores que recebem jornal	35\$00 mensais
Sócios maiores que não recebem jornal	15\$00 »
Sócios menores sem jornal	10\$00 »
Sócios menores com jornal	25\$00 »

O preço de assinatura do «Maré Viva» ficou em 300\$00 anuais.

A nova composição dos corpos gerentes da Nascente não é fruto do acaso. Ela resulta das conclusões do debate havido nas secções em torno das necessidades concretas de trabalho no actual momento da vida da Cooperativa, do novo salto qualitativo que se pretende atingir, dos critérios que venham a permitir uma maior operacionalidade da coordenação das diversas actividades.



## LOUROCOOPE EM CAMPANHA

Até nós chegou mais um número de «Nascente Cooperativista», boletim informativo e formativo da Lourocoope, cooperativa de consumo com larga implantação e acção preponderante na freguesia de Lourosa.

Entre os temas abordados contam-se «O Natal e a sociedade de consumo», «A defesa

do consumidor», «Beber sim, mas devagar», a «História do Atletismo» e informações várias sobre a Lourocoope, que está neste momento empenhada na campanha dos 1.500 associados e que parece vir a concretizar-se rapidamente. Isto diz bem da aceitação que encontra junto de uma população cada vez mais consciente da im-

portância da unidade para a defesa dos seus interesses. Ao findar um ano, que foi de muito trabalho e dedicação, todos quanto colaboram na Lourocoope bem merecem uma saudação por parte de quantos acreditam que o cooperativismo é uma das melhores armas para a construção de um futuro mais justo e favorável às populações.

## Novos órgãos autárquicos tomam posse no Sábado

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ESPINHO — EDITAL

Avelino Ferreira Loureiro Zenha, Presidente da Assembleia Municipal supra:

De acordo com as disposições legais aplicáveis, convoco V. Ex.ª para a cerimónia de instalação dos novos autárquicos a realizar no Salão Nobre da Câmara Municipal de Espinho, no próximo dia cinco de Janeiro pelas dez horas.

Para constar se publica este e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo do concelho.

Espinho, aos vinte de Dezembro de mil novecentos e setenta e nove.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA  
AVELINO ZENHA

## «CONTO DO VIGÁRIO» AINDA PEGA

Atenção donas de casa: a PSP alerta para o crescente número de furtos que têm vindo a ser praticados por alguns vendedores ao domicílio. Ao que parece, a prática habitual é apresentarem-se nas habitações em pequenos grupos e enquanto alguns tratam da venda de artigos, outros vão pondo mão baixa ao que estiver mais a jeito.

Este é um dos aspectos relativos à criminalidade na zona urbana de Espinho no mês de Novembro que o Comando Distrital daquela Corporação entendeu por bem denunciar. Mas não só. Contra o que seria de supor, a burla pelo sistema do «conto do vigário» continua de vento em popa, e versões mais ou menos novas e actualizadas não faltam. A que parece estar agora mais na moda passa-se assim:

«Os burlões dirigem-se às pessoas, normalmente nas proximidades dos bancos e propõem negócios que despertem interesse. Entretanto

um outro burlão que se manteve afastado, aproxima-se, manifesta-se interessado e apresenta logo dinheiro para fechar o «negócio», provoca confusão e consegue que o incauto cidadão adiante dinheiro de sinal para o primeiro burlão, a fim de garantir para si o «negócio». É então que se desfaz o «negócio» precipitadamente e é devolvido para a mão do incauto cidadão um maço de papéis envolto numa nota. E os burlões desaparecem».

Pode dizer-se que perante esta vaga de criminalidade a PSP tem mantido a sua acção constante, sensível, por exemplo, no número de prisões efectuadas, que foram sete, e nos inquéritos preliminares, setenta. As autuações económicas foram em número muito reduzido, apenas três, mas bem superior, como de costume, foi o total de horas de patrulhamento e ronda no exterior: 3.463, para os mais dados a estatísticas.

## FARMÁCIAS

Quinta — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250  
Sexta — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320  
Sábado — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092  
Domingo — Farmácia Teixeira — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352  
Segunda — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331  
Terça — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250  
Quarta — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320

CASA LUISA NOGUEIRA

João César da Costa

Depósito de Frutas — Vendas por junto e a retalho

Rua 16 n.º 750 ESPINHO Telef. 920304

## VITAL RODRIGUES

Faleceu no passado dia 25 o eng.º Vital Rodrigues, membro da Comissão Nacional da U.E. D.S. e seu fundador, antigo deputado pelo Partido Socialista e figura de relevo na luta dos democratas contra o regime fascista. Primeiro candidato pela U.E.D.S. no distrito de Aveiro, Vital Rodrigues ainda recentemente e nessa qualidade deu uma entrevista ao «Mare Viva». À família enlutada e à U.E.D.S. as nossas condolências.

## Aniversário dos Espinhenses

Passou no dia 1 de Janeiro mais um aniversário, o 52.º dos Bombeiros Voluntários Espinhenses. A efeméride foi assinalada pelo hastear da Bandeira Nacional e da Associação no edifício-sede, uma missa na Igreja Matriz e romagem ao cemitério, que foi seguida de desfile pelas ruas da cidade.

## CURSO DE SOCORRISMO

Numa iniciativa do Núcleo de Espinho da Cruz Vermelha Portuguesa realizar-se-á, na nossa cidade, um Curso Essencial de Socorrismo. As inscrições decorrerão todas as Terças e Quintas-Feiras, das 18 às 20 horas até ao próximo dia 15 de Janeiro.

**MARE VIVA**

SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

António Santos, João Barrosa, Joaquim Fidalgo, Manuel Fernando, Morais Gaio e Victor Sousa (redactores); Ana Maria, Augusto Mota, Daniel Dias, Dário Capela e Eugénio Morais (colaboradores de redacção).

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.  
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Director:

ANTÓNIO SANTOS

Redacção:

RUA 62 N.º 251 - 1.º  
TEL. 921621 — ESPINHO

**Moreira da Costa**

CIRURGIA GERAL  
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520 - 1.º  
Telef. 921014  
ESPINHO

SNACK - BAR

**PRÍNCIPE**

RESTAURANTE

Rua 14 n.º 473 (âng. Rua 15)  
Telef. 922247 — ESPINHO

Uma casa especializada em fios de tricot e Industriais

**Boalã**

Rua 14 n.º 647 Telef. 922191 ESPINHO  
(entre as Ruas 21 e 23)

Descontos especiais para tricoteadeiras



**Pá Velha**

Confeitaria

Especialidades Regionais — Pastelaria sempre fresca

Angulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO



Dia 3, Quinta-feira  
**OS PROFISSIONAIS**

M/ 13 anos

No início de mais um ano cinematográfico, o panorama em questões de programação parece continuar com os defeitos em demasia que lhe temos vindo a apontar, como é este caso de repetição de vezes já sem conta da conhecida realização de Richard Brooks. Não é que ela seja desinteressante mas qu' das outras que aparecem em Lisboa e no Porto e depois ninguém mais ouve falar?

Dia 4, Sexta-feira  
**A GAIOLA DAS MALUCAS**

M/ 13 anos

Adaptada de uma popular peça de «boulevard», Edouard Molinaro realiza uma comédia divertida que tem por tema central o ambiente vivido entre «travestis», mas sem com isso cair na piada fácil ou em explorar o ridículo das situações de forma gratuita. Faz com mestria aquilo que se pode chamar de dar a volta ao texto, pelo que muito se ganha com o desfecho.

Dias 5 e 6, Sábado e Domingo  
**007 — AVENTURA NO ESPAÇO**

M/ 13 anos

Depois de tantas voltas às criações livrescas de Ian Fleming, e mesmo apesar dos acrescentos, os produtores já se vêem em palpos de aranha para dar continuidade à série, pelo que voltam praticamente ao mesmo. No entanto, com a diferença do cabotinismo ser acentuado, o anticomunismo primário mais ridículo e o pretenso machismo mais folclórico, tudo reside na preocupação de fazer o enredo à medida da vedeta (Roger Moore) e não adaptado às façanhas do «herói». À excepção do aspecto técnico, uma pobreza de concepção.

Dia 8, Terça-feira  
**A GRANDE PARÓDIA**

M/ 6 anos

Como acima tivemos já oportunidade de referir, o recurso à repetição surge como uma constante. O êxito fácil e conseguido sempre é mais seguro do que investir em novos lançamentos de promoção, portanto há que recorrer à feitura do Gerard Oury e às presenças de Bourvil e de Louis de Funès para alegrar o pagode, mesmo que a piada já esteja mais que gasta, e da qual já não é lícito mais exigir após estes 14 anos bem esfalfados.

**Pinto de Matos**

ESPECIALISTA

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

REUMATOLOGIA

Rua 19 n.º 364 - 1.º — Telef. 921218  
ESPINHO

**FONSECA**

TECIDOS  
MODAS

ESPINHO

Rua 19 n.º 275 - Tel. 920413



# FESTA DE NATAL NA PARAMENSE

A Cooperativa de Indústria Têxtil, «A Paramense», promoveu no passado dia 22 de Dezembro, nas suas instalações, uma festa de Natal dedicada aos trabalhadores e seus familiares.

Essa festa — que segundo a Comissão de Gestão da Coop. se destinava a premiar os trabalhadores pelo seu esforço durante o ano em melhorar na medida do possível a sua situação — teve um programa variado e aliciante, elaborado no

sentido de fazer os presentes sentirem-se o melhor possível.

Assim, a festa começou com uma parte composta por canções interpretadas por José Leiteiro e Jorge Serra e também por Américo Lima.

Durante o intervalo teve lugar a distribuição de brinquedos para os filhos dos trabalhadores, assim como a «consoada» para os adultos, efectuada por um Pai Natal que entusiasmou a petizada. No fim da distribuição houve lanche

para todos.

A segunda parte do espectáculo foi preenchida pela actuação do grupo «Semente» e por palhaços.

«Maré Viva» aproveitou a ocasião e trocou impressões com os elementos da Comissão de Gestão, srs. M. Paixão, Augusto Pinto, Carlos Alberto Sá, Carlos António Calação e José Vasconcelos — sobre a actual situação da Coop.

«Quando no mês de Dezembro de 1978, começámos a gerir a coop. a sua situação financeira, e não só, era bastante débil. Os reflexos da má administração do patrão ainda se faziam sentir pois este devia onze mil contos à praça e doze mil contos aos trabalhadores. Devido a esse facto surgiu o boicote dos fornecedores que praticavam preços muito elevados incompatíveis para a coop. Felizmente, conseguimos ultrapassar essa fase má e neste momento as coisas estão razoavelmente bem.

A situação económico-financeira da Coop. pode considerar-se estável. Tem havido um acréscimo de vendas, reflexo directo da angariação de novos clientes e já fizemos exportação embora em pequena escala.

Esta melhoria tem-se reflectido nas condições dos trabalhadores de uma forma positiva. Os salários estão pela tabela em vigor além de outras regalias naturalmente limitadas pela presente situação.

Quanto às perspectivas futuras são as de consolidação das regalias dos trabalhadores que são efectivamente o que de mais importante há na coop.

Gostava de dizer ainda que a nossa perspectiva futura continua limitada pela presente situação jurídica que está muito indefinida. Apesar de tudo julgamos que há 90% de hipóteses de bom andamento da questão.

No que respeita à festa, ela foi idealizada e realizada, em termos económicos, compatíveis com a situação da cooperativa, para além de ser uma forma de mostrarmos aos trabalhadores que podem contar connosco na consolidação dos objectivos que todos nos propusemos atingir. É também nossa intenção mostrar a todos os trabalhadores que não somos o patrão mas sim um grupo de trabalhadores como eles, que, com o seu consentimento, se propôs gerir os seus destinos no campo laboral».

Estas foram as declarações de alguns dos elementos da comissão de gestão da «Paramense», cooperativa formada por trabalhadores à espera que lhes seja feita justiça e que a questão jurídica que os limita e atemoriza seja resolvida a seu favor no mais curto espaço de tempo.

Julgamos que isto é fundamental, quanto mais não seja para que os trabalhadores provejam que a exploração do homem pelo homem pode ser abolida desde que os homens se consciencializem que não precisam de ficar toda a vida subordinados ao mando de um patrão explorador cuja função fundamental é conseguir para si o maior lucro possível no mais curto espaço de tempo.

# VEREADORES FAZEM BALANÇO

Continuamos hoje, e após um ligeiro interregno, a publicação do breve inquérito que efectuamos junto dos vereadores da Câmara cessante, e com o que pretendíamos recolher a sua opinião individual sobre a forma como analisam a sua actividade e a dos restantes vereadores ao longo destes três

anos, bem como quais serão, no seu entender, as principais acções a empreender pela futura Câmara. Nem todos os vereadores nos responderam, mas aqui deixamos os depoimentos de João Barbosa, do Pelouro de Obras, e A. Nogueira da Silva, responsável pela Feira e Mercados.

## JOÃO BARBOSA

1 — Realizamos muitas obras importantes. Outras estão em andamento.

Os problemas referentes ao meu pelouro foram resolvidos sempre com satisfação, com o precioso auxílio da secção técnica e de toda a vereação.

2 — O grande problema que ficou por resolver foi a mu-

dança do Rio Largo, apesar da boa vontade e persistência que tivemos em realizar este melhoramento tão importante.

O Executivo que conseguir este lindo sonho terá o aplauso de toda a cidade e o reconhecimento e gratidão de todos nós.

## ARMANDO NOGUEIRA DA SILVA

O trabalho desenvolvido pelo executivo da Câmara durante estes 3 anos, quanto a mim foi um trabalho de grupo, em que cada um dentro das suas capacidades e responsabilidades, sempre pugnou pelo desenvolvimento e progresso do concelho de Espinho, pondo sempre acima de tudo esse conceito.

Com a liberdade de acção que a cada um cabe, sempre se agiu no interesse do Povo do concelho de Espinho, pugnando como nos compete usar sempre da maior imparcialidade e isenção na resolução dos casos mais difíceis, para o executivo.

Pessoalmente, sinto-me conscientemente satisfeito de ter cumprido a minha missão; bem, mal, será o futuro e o Povo a julgá-lo.

Na administração do pelouro que ocupo «MERCADOS E FEIRAS», e dentro das minhas disponibilidades e capacidade, coordenei o funcionamento da feira semanal, regulamentando-a, com a obrigatoriedade e requerimentos, ficheiros, mapas de cobrança mensais, etc., ordenamento esse praticamente completo. Como resultado dessas medidas e sem aumento de taxas na generalidade, pois somente houve acertos sectoriais, verificou-se gradualmente um aumento substancial da receita, que este ano ultrapassará os 5.300.000\$00, quando em 1976 era de 2.946.435\$00.

Também o rendimento do Mercado Municipal, que em 1976 tinha a média mensal de 26.476\$00, (lojas, interiores e exteriores, terrado e bancas), depois de actualizadas e acordadas as taxas, está actualmente a render 82.500\$00, como média mensal.

Para além destas medidas de carácter financeiro e sob minhas propostas, a Câmara aprovou diversas realizações, destacando as seguintes: transformação da Lota em Mercado Diário, já em funcionamento e que julgo ser muito útil para aquela zona; transformação do interior do Mercado Municipal, com a renovação do terrado e criação de bancas fixas cobertas, o que deu outro ambiente ao mercado e o tornou mais funcional.

Construção de sanitários ao Sul da feira semanal, cujo projecto está a ser elaborado por um arquitecto, assim como a substituição das bancas de peixe na mesma feira, etc., cabendo também a elaboração dos Regulamentos dos Mercados Municipais, que depois de revisito, foi aprovado pela Assembleia Municipal.

Quanto à minha opinião sobre quais os principais problemas que se vão pôr ao novo executivo e as perspectivas do seu trabalho, penso que será ao referido executivo, que competirá analisar o que mais é necessário ao interesse geral do concelho e do seu povo.

Penso no entanto que não deverá desviar-se muito daquilo que tínhamos planeado e não foi executado, não por culpa nossa mas sim do Poder Central.



As crianças tiveram um primeiro lugar na Festa de Natal da «Paramense».

## Sonhos de Natal

### — Quem os não têm?...

Falar de Natal, é falar de muita coisa ao mesmo tempo. O estranho poder que esta palavra exerce sobre todos nós, num misto de fascínio — que nos é dado pelas ruas fortemente iluminadas por centenas de lâmpadas das mais variadas formas e cores e pelas montanhas dos estabelecimentos comerciais também iluminadas e faustosamente decoradas em convite ao consumidor anónimo — e de misticismo imposto e cultivado por anos de infância em que a sua natural ingenuidade envolvia esta quadra.

Falar de Natal é também falar de Paz, de Amor, de Unidade, de Compreensão, de Solidariedade, enfim de todas aquelas pequenas-grandes coisas que todas juntas se podem resumir a uma outra palavra com um sentido ainda muito abstracto, cujo nome é: Felicidade. Porém, Natal é ainda muito mais do que isso.

Esta quadra natalícia tornou-se uma época de sonhos. Não só daqueles sonhos das crianças, que no aproximar do dia desejado dão largas à sua farta imaginação sonhando com as maravilhosas ofertas que o Pai Natal irá depositar com imenso carinho e ternura no sapatinho bonito dos «meninos» da cidade ou no tamanco rústico dos «putos» da aldeia, mas também o sonho dos graúdos, do consumidor que sonha com o 13.º mês para comprar as coisas mais precisas e depressa che-

ga à conclusão de que necessita pelo menos do 15.º mês para satisfazer as suas mais prementes necessidades, do comerciante que aproveita o enorme movimento comercial característico da quadra para decorar as suas montras e aumentar um pouco mais os lucros. «Maré Viva» foi desvendar alguns desses sonhos.

— «Olhe, para lhe ser franco, não posso dizer que venho comprar muita coisa porque na verdade o dinheiro não chega e nestas alturas parece que as coisas encarecem muito mais. Eu sou de longe e não vinha a Espinho há três meses. Agora, quando cá cheguei fiquei pasmado com a subida dos preços nestes três meses. Bem, o que eu mais queria era comprar uma fatiada nova que esta está velha mas com estes preços não deve ser possível».

José Manuel Cardoso, 39 anos, Emp. Têxtil

— «Realmente esta quadra pode-se considerar como privilegiada para os comerciantes pois o negócio é sempre mais intenso nesta altura contribuindo para isso, como é óbvio, as gratificações e o 13.º mês que os trabalhadores de uma maneira geral recebem. No que me diz respeito, as coisas têm decorrido normalmente com a intensidade que sempre houve nesta quadra. Não houve que-

continua na página 6

CLINICA GERAL

J. Pinheiro de Moraes

Rua 20 n.º 390

TELEF. 920452

## SUPERMERCADO DO LAR

O MELHOR PRONTO A VESTIR PARA O SEU «LAR»

Grande sortido de: ALCATIFAS, PAPEIS DE PAREDE, CANDEIROS DE CRISTAL, COZINHAS POR ELEMENTOS, ARCAS, MAPLES, ESTANTES, PAVIMENTOS IMPORTADOS, TETOS FALSOS, CARPETES, PASSADEIRAS, CORTIÇAS, LAVA LOUÇAS, etc. — Distribuidores das famosas marcas: Alcatifas LIDER, CARLON, CUF, ROBILON, etc. — Papeis VYMURA, PARETA, MAY-FAIR, AZCOAGA, MARBURG, BAMENTAL, F. P. D., etc. e ainda das famosas cozinhas por elementos «SONIA».

Rua 62 n.º 227 a 231 — Telef. 922986 — ESPINHO



# A S.E.P.E. e o desemprego

— Entrevista com o Secretário de Estado Dr. MELO BISCAIA

*Aproveitando uma visita pessoal a Espinho do Secretário de Estado da População e Emprego do Governo agora cessante de Maria de Lurdes Pintasilgo, aproveitámos para recolher uma entrevista sobre o trabalho daquela Secretaria, nomeadamente no que se refere ao problema do desemprego. O dr. Melo Biscaia foi deputado às Constituintes pelo P.P.D., partido que viria a abandonar no Congresso de Aveiro para fundar o M.S.D. de que é actualmente dirigente nacional.*

**M. V. — Porque aceitou fazer parte do V Governo Constitucional?**

Em primeiro lugar, porque entendi contribuir com a minha participação para a execução do programa deste Governo, que me agradava plenamente. Depois, porque, conhecendo a composição do elenco governativo, ela me satisfazia, de uma maneira geral, dada a sua tónica política. Mas, muito especialmente, também porque quem me convidou foi o Dr. Sá Borges. Para além da boa amizade que nos liga, há muito que lhe reconheço invulgares qualidades para exercer um cargo político, por mais difícil que seja. Com o Dr. Sá Borges, como Ministro e com o Dr. Vasco Ribeiro Ferreira, como Secretário de Estado do

Trabalho, decidi-me a formar equipa com eles, aceitando a Secretaria de Estado da População e Emprego.

Não posso deixar de dizer que ainda influiu igualmente nessa minha decisão o facto de o Governo ser chefiado pela Engenheira D. Maria de Lurdes Pintasilgo, que não conhecia pessoalmente, mas que, pelas posições já assumidas, me oferecia a maior confiança política.

**M. V. — E a sua experiência governativa, como a classifica?**

Foi, sem dúvida, uma experiência muito rica, permitindo-me sentir-me mais útil ao meu País e ao regime democrático. Tive a oportunidade de mais me julgar como homem político, que sempre viveu preocu-

pado com a solução dos problemas nacionais e em contribuir para a construção de uma sociedade assente nas traves mestras da Liberdade, da Justiça, da Solidariedade e da Igualdade. Contactei mais de perto com os problemas que afligem os portugueses e, no âmbito do departamento que me foi confiado, procurei dar-lhes a melhor resposta. Fiz, enfim, o que pude, condicionado, claro, pelas minhas próprias limitações e ainda pelo horizonte curto deste Governo.

Tenho, porém, a consciência tranquila, pois trabalhei com entusiasmo, com seriedade e dedicação, fiel aos princípios que sempre me nortearam e que são os do socialismo democrático, a alcançar pacífica e progressivamente através da via social-democrática.

## «Solução passa pelo sector económico»

**M. V. — Como analisa a sua actividade na S.E.P.E., nomeadamente no que refere ao problema do desemprego?**

Havia e há tanto a fazer no âmbito deste Departamento Governamental que tenho, evidentemente, a noção de que mais se impunha realizar. Mas, sabendo-se que não é o Ministério do Trabalho ou desta Secretaria de Estado que podem, só por si, resolver esse magno problema do desemprego — sabendo-se que a solução desse problema tem de passar, sim, pelo sector económico, fomentando o investimento privado, a criação de postos de trabalho e também dinamizando e reorganizando o sector público do Estado — parece-me, francamente, que o saldo é positivo.

Antes de mais, tive a preocupação de estabelecer o diálogo com os parceiros sociais, com base na confiança e respeito mútuos. Com essa abertura, resolveram-se muitos assuntos, desbloquearam-se muitas situações que estavam num impasse. Impõe-se-me reconhecer que esse diálogo foi sempre muito proveitoso, encontrando da parte dos parceiros sociais a melhor compreensão, boa vontade, responsabilidade e boa preparação para a discussão.

Dentro das disponibilidades orçamentais, deu-se apoio financeiro a muitas empresas em situação difícil, procurando não só manter postos de trabalho, mas ainda ajudando-as a recuperar e até a expandir-se, criando novos postos de trabalho. Com a actualização do salário mínimo — que surgiu como a

primeira contrapartida ao inevitável aumento de preços, com que o Governo teve de confrontar-se logo no início do seu mandato —, fez-se a revisão do regime legal do subsídio de desemprego. Não só se aumentou substancialmente esse subsídio, como se alargou o seu âmbito, estabelecendo-se que a ele tenham acesso os jovens desempregados com encargos familiares.

Criou-se também o chamado prémio de colocação, que é um prémio pecuniário a que terão direito todos os desempregados que, sem a actuação dos Serviços de Emprego, consigam, por sua própria iniciativa, colocar-se.

No campo da formação profissional, foram muitas as acções que se desenvolveram. Houve cursos variados nos Centros e também se fez formação profissional nas empresas. Cursos para estagiários, cursos de aperfeiçoamento e reciclagem, cursos em colaboração com autarquias locais, etc. Realizaram-se alguns seminários orientados por peritos estrangeiros e os nossos técnicos participaram em reuniões noutros países.

Conseguiu-se um despacho conjunto com a Secretaria de Estado do Ensino Básico e Secundário, com muita importância para a orientação profissional.

Estabeleceu-se um acordo com o INSCOOP para a formação de quadros das cooperativas, suportando a SEPE os custos dos respectivos cursos e prestando toda a colaboração necessária, através dos seus Serviços. Ciente do papel rele-

vante que as cooperativas podem e devem desempenhar no nosso País, esteve esta Secretaria de Estado sempre aberta a dar-lhes o seu apoio financeiro ou qualquer outra espécie de auxílio ou incentivo.

Criou-se, por decreto-lei, o Instituto do Emprego e da Formação Profissional e, por Resolução do Conselho de Ministros, criou-se também a Comissão Internacional para o Emprego (CIME), à qual competirá essencialmente definir uma política global de emprego, cuja falta se vem sentindo.

Através da sua Comissão de Reabilitação de Deficientes, a SEPE desenvolveu uma constante acção neste sector. Destacarei apenas o seguinte: auxílio financeiro a várias instituições, revitalização da colaboração com o Secretariado Nacional

**M. V. — É por essa Secretaria de Estado que correm os processos de despedimento colectivos. Porque é que a SEPE anulou um despacho que, no Governo anterior permitiria o despedimento dos trabalhadores da «Standard Eléctrica»? E porque é que a SEPE não proibiu os despedimentos na «Preh»?**

Quanto ao caso da «Standard Eléctrica» na verdade, fez-se a revisão do processo de despedimento colectivo, alertado como fui, pelas organizações sindicais, logo que tomei posse, de que tinham sido cometidas nele irregularidades, verifiquei que, efectivamente, houvera pre-

## «FILHOS» e «ENTEADOS» PARA OS «BOLOS-REI»

NA CORFI

Um comunicado chegado até nós, da Direcção do Sindicato dos Tapeteiros, Cordoeiros e Redeiros do Centro do País, com sede em Cortegaça, dá conta da atribuição aos trabalhadores da Corfi de um «Bolo-Rei», a exemplo do que sucedeu em anos anteriores.

Explicando que já no ano passado o sr. Violas brindara com 3.500\$00 os trabalhadores que não tinham participado em greves, o Sindicato acentua os propósitos divisionistas desta nova «consoada» que foi assim distribuída: 6.900\$00 para os trabalhadores que não faltaram tempo nenhum ao trabalho, quer por motivos de plenários, quer por outros motivos, e com 900\$00 os que tendo embora faltado por outros motivos, também nunca foram a plenários.

«O que pretende o sr. Violas», acrescenta o comunicado, «é dividir os trabalhadores em duas categorias: dum lado os trabalhadores que só pensam em trabalhar, sem se importarem em que condições o fazem, se ganham pouco ou muito, se têm ou não regalias sociais — estes seriam os bons tra-

balhadores e por isso lhes dá o sr. Violas um prémio, do outro lado, os trabalhadores que também trabalham, mas que se interessam pela defesa dos seus interesses, que se esclarecem e lutam se isso for preciso, que vão aos plenários de empresa — estes seriam os maus trabalhadores e por isso não merecem o tal prémio».

E o comunicado acrescenta: «A divisão da sociedade não é entre bons e maus trabalhadores, mas sim entre trabalhadores e patrões e estes só continuarão a dar prémios enquanto assim puderem continuar a explorar. É o lema: dividir para reinar».

A Direcção do S.T.C.R. pergunta ainda «como é que durante as negociações as entidades patronais nunca podem suportar aumentos salariais justos e meses depois da publicação das tabelas aparecem a aumentar os trabalhadores por sua livre vontade?», e apela ainda aos trabalhadores da Corfi para que se mantenham firmes na defesa dos seus interesses junto do seu sindicato e das demais organizações representativas.

NA COTESI

Na outra empresa do grupo Violas, a Cotesi, o critério foi um pouco diferente e baseou-se exclusivamente na assiduidade. Assim, os trabalhadores com menos de 12 dias de falta receberam 7.500\$00, entre 12 e 30 3.500\$00 e com mais de 30 dias apenas 1.000\$00. Como não se atendeu à natureza e explicação das faltas, houve muitas injustiças que provocaram descontentamentos entre os trabalhadores. A mais flagrante terá sido a de um trabalhador que perdeu os dedos de uma mão num acidente de trabalho, esteve no seguro durante 31 dias e por isso recebeu os mil escudos.

No dia 19, dois dias antes desta distribuição que era esperada, realizou-se uma

feita de homenagem ao sr. Manuel Violas. A expectativa do «bolo-rei» e o facto de a festa se ter realizado às 2 horas, entre o fim do 1.º turno e o princípio do segundo, reuniu muitos curiosos que puderam ouvir vários discursos, entre eles o do homenageado. Deste último destacam-se duas passagens: uma em que disse preferir que lá estivesse a placa da inauguração da empresa com o nome de Américo Tomás, em lugar do busto que lhe foi oferecido e outra em que referiu que o seu aniversário coincidia com o de Brejnev. Refira-se ainda que a colecta entre os operários para o busto deu apenas 27 contos, muito longe dos 60 contos necessários.

de Reabilitação, despacho determinando a suspensão das barreiras arquitectónicas nos edi-

fícios da SEPE (foi, assim, o primeiro departamento a tomar esta iniciativa).

## A Standard Electric e a PREH

terição de uma formalidade essencial e que, com isso, se violaram os direitos fundamentais dos trabalhadores, constantes da lista dos despedimentos.

É que a esses trabalhadores, contrariamente ao que dispõe a lei, não foi feita a comunicação de que estavam incluídos numa lista final de despedimento. E, assim, eles nem sequer puderam utilizar um crédito de horas, prescrito por lei, para procurar novo emprego! Impunha-se, pois, repôr a legalidade e daí tenha decidido não sancionar o que fora determinado por despacho do meu antecessor.

Já no caso da «Preh» não

foi possível evitar o despedimento.

O processo decorreu dentro da normalidade legal e, apesar das muitas diligências feitas pela SEPE, não se conseguiu que os trabalhadores despedidos fossem absorvidos por outra empresa, em que a «Preh» detem a maioria do capital. Sucedeu até que, no decurso do processo, a «Preh» dissolveu, por escritura notarial, a sociedade, acabando, assim, pura e simplesmente com ela. Condução que é altamente censurável, mas à qual a lei não permite qualquer oposição!

continua na página 6

**DR. CASTRO REIS**

ESPECIALISTA PELA O. M.  
DOENÇAS DOS OLHOS  
ORTÓPTICA

RUA 16 N.º 250 - 1.º - ESQ.  
TELEFONE 922470 — ESPINHO

Restaurante **ONDA** Snack-Bar

Aberto até às 4 horas da manhã  
JUNTO AO CASINO — TELEFONE 922526  
de 1 de Outubro a 30 de Abril  
Encerra às Seg.-feiras para descanso do pessoal

**Ernesto Ferreira**

ODONTOLOGISTA  
Boca e Dentes

Rua 18 n.º 582 - 1.º Dto.  
Telef. 921810 — ESPINHO

Talho e Charcutaria

**CENTRAL**

Servir bem — Boas carnes  
Rua 15 n.º 268 - ESPINHO



# OS ANOS SETENTA

## UM BALANÇO A FAZER

Embora a oitava década deste século só encerre no final de 1980, o fim deste ano de 1979 marca o encerramento do que se designa vulgarmente por «anos setenta». Artificial ou não esta divisão da vida dos homens e das sociedades, a verdade é que tem servido de compartimentação na evolução histórica do século XX e já toda a gente sabe que, por exemplo, os anos vinte foram «os anos loucos» e os anos cinquenta os da «guerra fria».

O que virão a ser para as gerações futuras os anos setenta, é tarefa de retrospectiva que ainda são prematuras. O que se pode fazer para já é coleccionar os factos, as pessoas, tentar fazer uma síntese necessariamente precária do que foram estes anos. Muitos jornais, revistas, estações de rádio e T. V. se abalçaram já nesse trabalho e, pela nossa parte, não nos quisemos escusar a essa tarefa, que queremos despretenciosa, com todos os perigos de erros e omissões que lhe são inerentes. É o que faremos nos próximos quatro números de Janeiro.

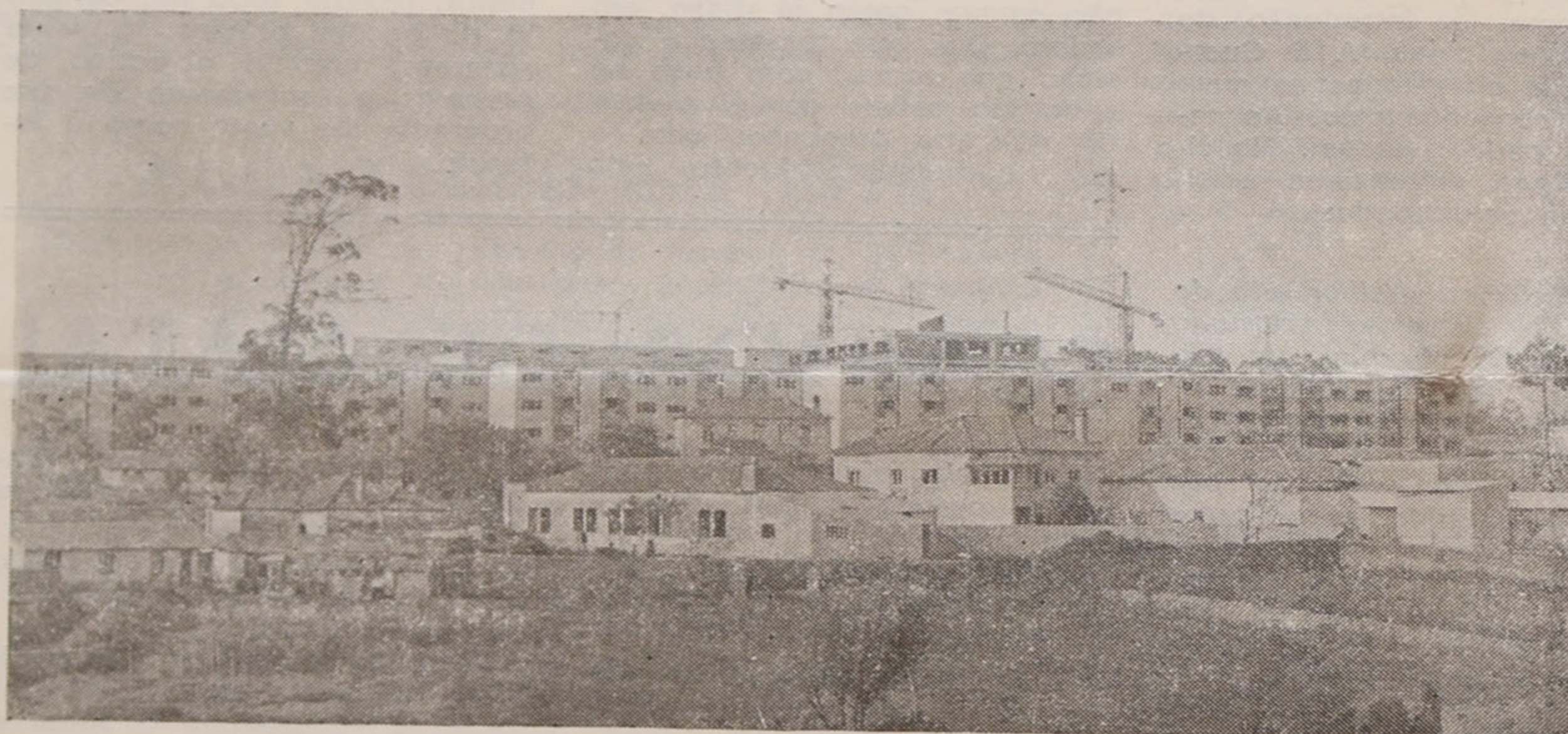


## 25 DE ABRIL

O derrube do regime fascista foi sem dúvida o acontecimento mais importante para os portugueses.

## EMANCIPAÇÃO DA ÁFRICA

Nos anos setenta, a luta dos povos africanos conheceu sucessivas vitórias. A descolonização portuguesa foi uma contribuição importante nesta marcha libertadora.



## ESPINHO

Nos últimos cinco anos lançaram-se mais habitações sociais do que em cinquenta anos de fascismo.

## Inquérito de fim de ano à opinião pública

A chegada do fim do ano é sempre motivo de uma mais ou menos aprofundada reflexão sobre os acontecimentos mais marcantes da sociedade portuguesa. Nos seus variados campos — desde a política até ao desporto, sem dúvida os dois temas que mais apaixonam os portugueses, passando pela música ou ainda pela arte, «Maré Viva» foi saber o que mais impressionou alguns dos cidadãos espinhenses:

«Na minha opinião, o aspecto mais marcante do ano foi sem dúvida, a viragem do eleitorado português para a direita nas úl-

timas eleições intercalares. Embora a maioria continue a ser esquerda na linguagem dos votos, no herciclo, a direita tem maioria de deputados o que se me afigura deveras preocupante e me deixe muitas reservas sobre o destino do povo no ano de 1980».

Joaquim Ferreira Campos,  
Têxtil

«Eu pessoalmente julgo que durante o ano de 79 houve dois factos muito importantes e que eu considero ultrapassar em importância todos os outros. Refiro-me, em primeiro lugar,

ao facto de 79 ser o Ano Internacional da Criança o que originou toda uma série de iniciativas em prol das crianças levadas a cabo em todas as partes do mundo. A segunda, coisa foi termos pela primeira vez uma mulher como Primeiro Ministro em Portugal e que eu considero que deu uma lição de política a todos os pseudo-políticos que governaram o país depois de 75».

Maria Estefânia de Sousa,  
28 anos, professora

«É difícil, assim de repente, determinar os aspectos mais

relevantes do ano findo, no entanto posso referir a mudança política que tivemos como factor determinante na sociedade portuguesa. Gostaria ainda de assinalar no campo desportivo o balanço negativo de desporto português em quase todas as modalidades e assinalar que foi um Espinhense uma das poucas figuras relevantes neste campo. Há ainda como factor local o facto do Espinho ter ascendido à primeira divisão do futebol».

Augusto Moreira Campos,  
53 anos, Emp. Bancário

«Para mim o mais importante foi a constante subida do custo de vida que muitas dificuldades me deu para governar a casa. Se continua assim este ano estamos bem arranjados que não sabemos como levar a vida. Outra coisa?... Só se for essas revoluções todas que tenho visto na televisão e que até metem medo à gente...»

Noémia de Jesus, 38 anos doméstica.

«A música pál... A música foi muito importante este ano cá em Portugal. Não só a nível de gravações de bandas que ainda não tinham sido editadas em Portugal, como também dos inúmeros concertos ao vivo que tivemos. Isto para não falar do «Cascais Jazz» que já é tradicional. Gostaria também de falar do Cinema que este ano teve também grandes produções não só do estrangeiro como também em Portugal destacando neste último os filmes «Amor de Perdição» e «Os Maias». Reconheço que houve factos importantes na política mas eu não gosto de falar muito disso».

António Jorge O. Mendes,  
18 anos Estudante

«Tá grilado? — Solte o grilo»

mandando reparar o seu mobiliário

CONSULTE-NOS:

Rua 31 n.º 707

Telefone 920799

ESPINHO

STAND SERZEDENSE

António Martins da Silva

Assistência Total

Agente: SACHS SIS — EFS

Tel. 9620675 — SERZEDO

V. N. DE GAIA

Rubi

Relojoaria — Ourivesaria

Ivo dos Santos Coelho

Rua 23 n.º 360 - Tel. 920592  
ESPINHO



# NOVOSTI OFERECE LIVROS

## «Como o povo soviético venceu a fome»

Iakov Ucherenko, autor desta brochura e de vários outros livros dedicados às questões económicas da indústria e da agricultura é um dos mais antigos jornalistas soviéticos. Neste texto editado pela Novosti e que poderá ser solicitado pelos leitores do nosso jornal, Ucherenko conta como as transformações socialistas na economia e a criação de cooperativas agrícolas ajudaram a União Soviética, a resolver o problema do abastecimento de alimentos, a uma população de muitos milhões de habitantes.

### UMA «DOENÇA CRÓNICA DO POVO»

Um catedrático russo escreveu, antes de 1917 que o país se encontrava permanentemente, no estado de «doença do povo — subnutrição». No século XVIII houve 34 anos de fome, no séc. XIX 40 anos, e no séc. XX, antes de 1917, sete anos de fome. Em 1891, foi o ano mais terrível. Toda a população camponesa do Mar Negro aos Urais, ficou sem os mínimos alimentos. Dezenas de milhões de camponeses e habitantes urbanos pobres passavam fome na Rússia pré-revolucionária, ainda que

ela fosse exportadora de trigo. Os camponeses pobres só conseguiam garantir pão em apenas cinco ou seis meses do ano.

### UM COMEÇO DIFÍCIL

Os decretos da Paz e sobre a Terra foram os primeiros passos dados pelo poder dos Soviéticos. O poder soviético concedeu gratuitamente 150 milhões de hectares de terra aos trabalhadores rurais. A transferência da terra para quem a trabalha garantiu desde os primeiros anos, o tão necessário aumento das colheitas.

A guerra civil na Primavera de 1918 rebentou na Rússia. Os latifundiários e os grandes capitalistas russos procuram recuperar os privilégios perdidos e estrangular o poder soviético. Com a ajuda de 14 países. A contra-revolução quis aniquilar a jovem República pela fome.

A guerra civil causou a economia da jovem República prejuízos avaliados em 40 bilhões de rublos. Faltava pão, carne, açúcar. Tinha-se a impressão de que a fome, a ruína e as doenças iriam conseguir aquilo que os imperialistas não tinham podido fazer — derrubar o po-

der soviético. Os governos dos países capitalistas organizaram o bloqueio económico, esperando a liquidação dos soviéticos.

### A NOVA POLÍTICA ECONÓMICA

Uma nova política económica começou a ser construída então na URSS. A rigorosíssima seca de 1921, alastrou, com consequências gravíssimas. A fome alastrou de novo do Volga ao Norte do Cáucaso, atingindo 90 milhões de habitantes.

Como resposta a URSS inicia a criação da base técnica e material do socialismo necessária para obter êxitos na economia. Começa a ser aplicado o GOELRO (Plano estatal de electrificação da Rússia). Inicia-se o desenvolvimento das forças produtivas.

Iakov Ucherenko continua no seu livro a contar as diversas etapas da grande batalha contra a fome. A introdução de máquinas agrícolas. A II Guerra Mundial com todas as suas terríveis consequências. As tarefas do período actual. No final do livro sintetiza-se a situação na actualidade:

«Em 1913 no melhor ano do capitalismo russo o consumo por habitante, por ano, de pão era de 200 kg, de carne de 29 kg, de leite 154 kg e de ovos 48 unidades. Em 1977, por exemplo, o consumo de pão baixou para 144 kg, a carne atingiu 57 kg, o leite 322 kg e o número de ovos passou para 224 unidades. Isto dá uma ideia da evolução do nível de consumo do povo russo». O livro conclui com muitas informações estatísticas e dados que permitem ao leitor verificar como o povo soviético venceu a fome.

«Como o povo soviético venceu a fome» — Iakov Ucherenko, edição APN em língua portuguesa, 1979.

# A S.E.P.E. E O DESEMPREGO

continuação da página 4

tratado à margem do processo.

M. V. — Existe ou não na Secretaria de Estado da População e Emprego um projecto designado por «Programa para o emprego e formação profissional de jovens»? Se existe, porque não se avançou com esse projecto, fazendo-se aprovar pelo Conselho de Ministros?

Existe, efectivamente, esse programa. Uma vez que se optou pela criação do Instituto do Emprego e da Formação Profissional, como forma de, com maior maleabilidade e operacionalidade, se tratarem dos diversos e complexos problemas relacionados com o emprego e com a formação profissional, pareceu-nos que esse programa ou projecto devia ser incluído na acção a desenvolver por aquele Instituto. Temos grande esperança em tal acção e também em que o referido programa, depois de reexaminado e de sofrer alguns ajustes, possa vir a ser executado.

Com o esquema actual dos Serviços, que o Instituto reformulará profundamente, entendemos ser muito difícil, senão impossível avançar com tal programa. Será, pois, a esse Instituto, com autonomia administrativa e financeira, que competirá, realizar todo um conjunto de acções prévias, de vária natureza, com o objectivo de preparar o lançamento de um programa tão vasto como o referido.

Aproveito para anunciar que fizemos a revisão da lei dos despedimentos colectivos, devendo o projecto desse diploma ser publicado em breve no Boletim do Trabalho e Emprego e posto à discussão pública. Tivemos, evidentemente, o cuidado de beneficiar o diploma em vigor, não só no que respeita à forma processual, mas também quanto ao fundo da questão, tendo em atenção os direitos e os legítimos interesses dos trabalhadores, que, não devem ficar à mercê do querer arbitrário de certas empresas que não atentam devidamente nos problemas sociais e humanos que sempre acarretam os despedimentos. Na revisão do diploma, a que se procedeu, tentou encontrar-se o equilíbrio entre os interesses em confronto.

M. V. — Mas não havia um acordo entre a I.T.T. a que pertence a «Standard Eléctric» e o IV Governo, no qual se previa um grande investimento daquela multinacional no nosso País, desde que lhe fosse permitido o despedimento colectivo?

Que eu saiba, não havia qualquer acordo concretizado. E a verdade é que a mim apenas competia decidir o processo do despedimento colectivo e esse não estava, como já disse, em ordem. Daí, que tomasse a posição que tomei, com base na aplicação estrita da lei e sem ter que me preocupar com o que, porventura, tivesse sido

# SONHOS DE NATAL

bra em relação aos últimos anos, talvez porque o meu negócio o permite. Por isso acredito que em outros ramos as coisas não corram assim tão bem devido ao aumento do custo de vida».

Almeida & Ramos,  
Comerciante

— «Está tudo muito carol... Não dá para alargar muito porque o dinheiro é pouco para tentar comprar o mais possível. Um pouco destas doçarias que compramos nesta altura do Natal custam um dinheirão. Por isso temos que nos virar para

outras coisas. O que mais queria era um bocadinho de bacalhau para a família toda».

Maria Emília Mendes,  
46 anos, doméstica

Para lá de toda a sua tradição fortemente assente na tradicional «consoada» o Natal é cada vez mais uma época difícil para aqueles que não vivem numa situação economicamente estável.

— «Isto de falar de consoada é muito bonito o pior é dinheiro para a fazer. Nós vivemos com imensas dificuldades e mal temos dinheiro para dar de comer e vestir aos nossos filhos... A nossa consoada será provavelmente umas batatas com bacalhau muito mau mas é o que se pode arranjar».

Joaquim Sousa Vieira,  
28 anos, desempregado

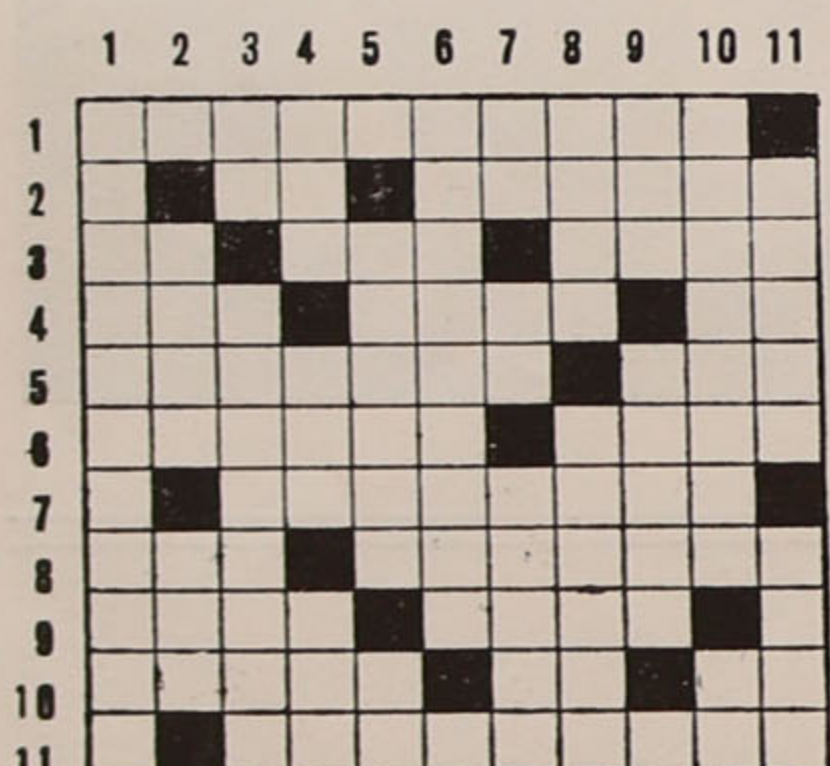
— «O negócio não será tão bom como todos desejamos mas os tempos são difíceis e nós temos que compreender isto. No entanto estou optimista que as coisas corram bem embora o meu negócio não seja dos mais produtivos. As pessoas têm grande dificuldade em programar as compras e muitas vezes têm de abdicar de coisas menos precisas e que noutras alturas não deixariam de comprar. Desejava que os tempos voltassem atrás — no que diz respeito ao comércio — pois nessas alturas é que isto dava».

Mário Pinto da Rocha,  
Comerciante

Sonhos de Natal, economicamente falando — quem os não têm?

ASSINE O  
Maré Viva

## PALAVRAS CRUZADAS — 49



### HORIZONTAIS

1 — Que está situado no sul; 2 — Item (abrev.); dinheiro trocado; 3 — Não comunicado (abrev.); Unidade Colectiva de Produção; banheira; 4 — Fúria; sessão de estudo; traseiro; 5 — Os anos que agora acabaram; limpar o forno; 6 — Paragem das hostilidades no meio duma batalha; classe; 7 — Processo de sustar as vidéiras com estacas; 8 — Sorrir; os anos que agora começam; 9 — Irritar; faltam «cem» no aceno; 10 — Vagas; nota do tradutor (abrev.); cento e um; 11 — Demorem-se.

### VERTICAIS

1 — No Governo da AD, são menos no que no de Maria de Lurdes Pintasilgo; 2 — Acreditar; Inspeccção Rodoviária Na-

cional; 3 — Acha piada; atorridada; 4 — Pau-ferro; interior psíquico; matemática (abrev.); 5 — O «símbolo» dum curso de grau superior; senhor; 6 — Atribuiria responsabilidades; 7 — O sono das crianças; naquele lugar; diversos pontos de um articulado; 8 — Filha da filha; o que trata de negócios por conta alheia; 9 — Acrescentei; vereador eleito em Espinho pelo PS; 10 — Figura lendária de cavaleiro da tábola redonda do rei Artur; s. q. do cobalto; 11 — Cineasta espanhol, autor de «Peppermint Frapé»; a Ordem a que pertencia Nun'Álvares Pereira.

### SOLUÇÕES DO N.º 48

#### HORIZONTAIS

1 — Hondt; Arad; 2 — Pastoral; lâ; 3 — Ave; sopés; 4 — Rasa; artola; 5 — Am; má; ervas; 6 — Natalícia; 7 — Anemia; Br; 8 — Ovo; RPA; crê; 9 — Ni; agoirais; 10 — Sair; uis; 11 — Sorrateiras.

#### VERTICAIS

1 — Parangonas; 2 — Havana; vi; 3 — Oses; tão; sr; 4 — NT; Aman; Aar; 5 — Dós; alergia; 6 — Troa; import; 7 — Apreciai; 8 — Aletria; Rui; 9 — Sova; cair; 10 — Ai; lá; brisa; 11 — Desastres.

— Quería receber como oferta de Natal, o livro «Lições da Segunda Guerra Mundial» de Oleg Rjehévski.

— Desejaria ler um livro sobre o seguinte tema:.....

— NOME .....

— MORADA .....

**ZITA DUARTE**  
Decoração e Artesanato  
**CENTRO COMERCIAL PRAIAGOLFE**  
CASA 2

**PNEUS CAR**  
Centro de Vendas de Pneus  
Nacionais e Estrangeiros  
Assistência Técnica  
— Alinhamento de Direcções  
— Vulcanização de Câmaras  
— Equilíbrio de Rodas  
TEL 923266  
R. 18 - 1010 (R. da Igreja) — ESPINHO



# OS MELHORES DE 1979

## OS MELHORES DESPORTISTAS

- 1 — ANTÓNIO LEITÃO
- 2 — VÍTOR HUGO
- 3 — PALMIRA CASTRO

Estes três nomes são os mesmos que aqui apareceram na designação dos melhores de 1978, o que também quer dizer que os grandes valores individuais não apareceram, mas é sobretudo a confirmação das qualidades e de um futuro brilhante para estes três jovens.

António Leitão terá tido a sua melhor época de sempre, culminada com uma medalha de bronze nos Europeus de Atletismo, facto inédito não só

para Espinho mas também para Portugal. Vítor Hugo teve uma influência marcante na conquista do Nacional de Juniores pela AAE e viu o seu valor reconhecido nomeadamente com as suas Internacionalizações na selecção senior e júnior. Palmira Castro, que havia «estado» na conquista em 78 do Campeonato Nacional Feminino de Juniores de Voleibol pelo SCE, teve influência decisiva no título nacional da II Divisão pela

Já se tornou um hábito a designação nesta página dos melhores desportistas espinhenses em cada ano, tarefa que retomamos este ano, com a consciência do carácter simbólico de que se reveste, mas sem abdicarmos do critério e da isenção que temos mantido nesta página desportiva.

sua equipa. Do seu valor fala o facto de ter sido capitã da selecção nacional de juniores de voleibol.

Merecem ainda referência os jovens Hermínio e Malheiro, Internacionais Juniores de futebol e António Iglésias e Rui Paulino, chamados à selecção de juniores do Norte de Voleibol, todos a darem o sinal positivo da juventude espinhense no desporto.

## AS MELHORES EQUIPAS

- 1 — JUNIORES DE HÓQUEI EM PATINS DA AAE
- 2 — SENIORES DE FUTEBOL DO SCE
- 3 — JUNIORES DE FUTEBOL DO SCE

Reconhecendo-se as excelentes carreiras das equipas de futebol do SCE, o feito mais espectacular foi sem dúvida para os jovens hoquistas, conquis-

tando o primeiro título nacional para a AAE e com uma equipa quase toda com a idade de juvenis. Referências ainda para os iniciados do futebol do

SCE (campeões distritais), os seniores femininos de voleibol do SCE (campeões nacionais da II Divisão), os infantis de hóquei da AAE (campeões regionais), os iniciados e juniores de voleibol do SCE (vice-campeões nacionais, tendo os iniciados conquistado já esta época o título regional).

## ACONTECEU EM 1979

- 10/2 — A equipa de juniores de futebol do SCE vence a série B do Nacional, garantindo a presença na fase final em que viria a ser 3.º, depois do F. C. Porto e do Sporting.
- 13/2 — Francisco Lemos, da AAE, vence o campeonato distrital de juniores de xadrez.
- 17/2 — Numa deslocação a Gouveia ocorre um acidente com o veículo que transportava a equipa de juniores de voleibol do SCE, registando-se vários feridos.
- 24/2 — O SCE organiza um torneio internacional de badminton, que conta com todos os melhores praticantes nacionais.
- 4/3 — António Leitão vence mais uma vez o Nacional de Juniores de Corta-Mato.
- 7/4 — Juniores da AAE em hóquei em patins sagram-se campeões regionais ao vencerem o Infante de Sagres por 3-2.
- 10/4 — Vítor Hugo torna-se internacional pela Selecção principal, no torneio internacional de Hóquei de Oviedo.
- 17/4 — A equipa de iniciados do SCE conquista o campeonato distrital de futebol ao vencer, na final, o Mealhada por 2-0.
- 1/5 — Com o tempo de 13'57,7", António Leitão obtém o melhor tempo mundial júnior do ano nos 5.000 metros.
- 20/5 — A equipa feminina de voleibol do SCE conquista o título nacional da II Divisão ao vencer em Braga o Sp. Braga por 3-2.
- 27/5 — O SCE vence o Rio Ave por 3-2 e garante o 1.º lugar na Zona Norte da II Divisão, bem como o regresso à I Divisão.
- 16/5 — António Leitão obtém os mínimos para os Europeus de Juniores também nos 2.000 metros obstáculos e nos 3.000 metros.
- 1/7 — Os juniores de hóquei em patins da AAE tornam-se campeões nacionais ao vencerem em Espinho o Benfica por 6-5. No mesmo dia, o SCE falha o título nacional de futebol da II Divisão, ao perder em Portimão por 2-1.
- 8/7 — Vencendo o F. C. Porto por 8-0, os infantis de hóquei da AAE tornam-se campeões regionais.
- 9/8 — Realizam-se no pavilhão da AAE vários jogos do Campeonato Europeu de Juniores de Voleibol, incluindo o jogo decisivo entre a URSS e a RDA.
- 19/8 — António Leitão conquista na Polónia a medalha de bronze dos 5.000 metros do Europeu de Juniores.
- 4/10 — Vítor Hugo integra a selecção nacional de juniores que, em Inglaterra, se haveria de classificar em 5.º lugar.
- 4/10 — O F. C. Porto vence o Torneio Internacional de Hóquei em Patins, organizado pela AAE.
- 17/11 — As equipas seniores e juniores da AAE obtêm os dois primeiros lugares no torneio de hóquei de Herne-Bay, Inglaterra.
- 1/12 — Concluído um inquérito sobre incidentes com o seu treinador, o futebolista Mória do SCE é castigado com 3 meses de suspensão.
- 23/12 — Carlos Lopes e o Sporting vencem o I Grande Prémio de Natal, realizado nas ruas de Espinho.

## LOPES VENCEU

### o «Grande Prémio de Natal»

Apesar da chuva, do vento e do frio, muita gente acorreu a presenciar o I Grande Prémio do Natal que no dia 23 reuniu em Espinho os mais credenciados corredores de fundo do atletismo nacional, com o campeão espanhol a dar o tom internacional. E dizemos muita gente se atendermos ao público que em Espinho se poderá considerar como aficionado do atletismo, já que as pessoas que vieram à rua ver passar os atletas não dariam «mela casa» do campo da Avenida.

Neste aspecto e nos propósitos que se adivinhavam na organização em promover uma prova de grande nível competitivo, pode-se dizer que houve êxito. Não houve no entanto a emotividade desejada na luta pelo lugares cimeiros, já que o escalonamento, até na prova feminina, (Aurora Cunha e Rosa Mota), se começou a fazer muito cedo e pela ordem que antecipadamente se previa. António Leitão, sobre quem recaíam atenções especiais da as-

sistência, não fugiu à regra e alcançou a classificação que era de esperar da sua juventude, do seu valor e do dos adversários. Numa prova demasiado longa para esta fase da sua carreira, Leitão fez questão de ficar à frente do campeão espanhol de estrada.

Realce-se e saúde-se também a confirmação do retorno de Carlos Lopes aos seus «bons tempos», apenas um pouco apertado por Fernando Mamede (12 segundos de diferença) e deixando a mais de um minuto atletas de categoria como Sena, Aniceto, Anacleto, Leitão e o espanhol Bergara, que não confirmou os créditos que lhe eram atribuídos.

Também na classificação colectiva não houve surpresas. O Sporting venceu, o F. C. Porto aproveitou a ausência do Benfica (apenas representado por Anacleto Pinto) para ficar em segundo e o S. Espinho garantiu o terceiro lugar, com Manuel Couto a alcançar uma honroso 9.º lugar.

É de saudar a iniciativa do S. Espinho, sobretudo pelo que ela representa como consagração da existência na cidade de um atleta de grande craveira nacional e internacional e que bem justifica que os outros grandes nomes aqui façam uma visita. E registre-se também a capacidade organizativa de que o clube espinhense deu mostras, deixando perceber a possibilidade de ser posta, com mais frequência, ao serviço do atletismo.

Não queremos com isto dizer que esse serviço ao atletismo não tenha sido prestado, mas, e embora desejemos que este Grande Prémio venha a ter novas edições, parece-nos que o atletismo e a própria secção do SCE tirarão maiores proveitos se a prova não se resumir à participação de federados e seja aberta, ou antecipada por uma prova para os populares que já não são poucos na região e muitos mais poderiam ser se os estímulos como esse aparecessem com mais frequência. E estamos à vontade para o dizer aqui, até por um certo desencanto que nos apercebemos em alguns atletas não federados, mas que gostam de atletismo, e que desejariam ter sido mais do que especta-

dores.

Uma última palavra para a empresa que subsidiou o Grande Prémio, tornando possível com o seu dinheiro (Carlos Lopes, por exemplo, confessou publicamente o seu «cachet» de 20 contos) a vinda não desinteressada dos nomes mais sonantes. A Solverde aplicou o seu dinheiro muito melhor do que o terá feito em outras circunstâncias, mas deveria ter refeito, na publicidade que promoveu, a sua própria publicidade. Não que devesse passar despercebida, mas foi claramente desproporcionada a maneira como o nome SOLVERDE apareceu nos cartazes, nos dícticos, deixando para caracteres bem mais insignificantes informações importantes como a do clube organizador, o da natureza da prova e a sua própria designação. Fica-se sem se saber se a Solverde quereria servir o atletismo ou se quereria servir-se do atletismo.

Aliás, julgamos que neste aspecto a iniciativa terá tido o seu maior fracasso. No «Grande Encontro», o mais importante programa desportivo da R.T.P., a prova não teve o espaço que merecia e o nome da concessionária do Casino não foi referido uma única vez.

## VOLEIBOL

### Iniciados campeões

Vencendo no Porto, por 3-1 (o 1.º set perdido!) os iniciados do SCE sagraram-se campeões regionais e entram como principais favoritos ao título nacional. Também com o F. C. Porto, os juvenis perderam por 3-2, conquistando o segundo lugar no regional.

Os nacionais de seniores começaram mal para o SCE (derrota em casa por 0-3 com o Leixões) e a AAE na 2.ª divisão, com 0-3 frente ao C. Maia.

## Dia de Reis num jogo de "Boas Festas"

Se nalgum jogo o Sp. Espinho pudesse ter a obrigação de ganhar, o mais óbvio seria com certeza este de domingo, frente a um Rio Ave que «já» fez três pontos e ameaça não vir a fazer muitos mais. Foi na verdade a equipa mais débil que passou pelo Avenida, muitos furos abaixo daquela mesma que aqui veio discutir com os espinhenses o 1.º lugar da Zona Norte da II Divisão.

O Espinho acabou por cumprir a obrigação, interrompeu em bom tempo a série de três derrotas que trazia, mas fê-lo sem o brilho e sem a clareza que era de prever. Dominou todo o encontro, começou cedo a criar oportunidades de marcar, mas não o fez e não tardou a afundar-se ao nível exibicional e a dar mostras de alguns nervos que o público também ia alimentando.

O sector mais afectado, pareceu-nos ser a defesa, onde só Freixo e Gaspar (apesar de muito excitado) davam alguma segurança. Pinto Ribeiro esteve

muito faltoso, Vilaça sem sentido de colocação não justificou o afastamento de Raul e Coelho, sobretudo Coelho, esteve totalmente desastrado, mormente nas iniciativas atacantes, não acertando um passe ou centro no tempo demasiado em que esteve a jogar. Vitorino Belinha só passou por isso a estar mais em jogo quando Manuel José resolveu e bem tirar o defesa direito, recuar João Carlos para o seu lugar e fazer entrar Canavarro para o ataque.

Na linha média é de assinalar o excelente trabalho de Vítor, num labor bastante superior a Sobral, que nos pareceu algo descrente, e de João Carlos, que quebrou fisicamente bastante cedo. Na frente, Reis foi o melhor, o mais certo, fez o golo num belo golpe da cabeça. Mané, muito faltoso, esteve ainda assim melhor do que nos últimos jogos e Vitorino, Canavarro e Santos (este no fim a substituir Reis) não fizeram nada de assinalável.

### SP. ESPINHO, 1 RIO AVE, 0

O tal golo veio a cerca de vinte minutos do fim, numa altura em que o Rio Ave defendia de qualquer maneira e já desistira dos contra-ataques que chegaram a causar pânico na retaguarda espinhense. Foi a vez do Espinho defender o resultado, de Gaspar pôr à prova a sua decisão e de um «salve-se quem puder» caricato, aqui e ali. Mesmo assim, foi Santos quem por duas vezes falhou o 2-0, que aliás nem o Espinho nem o Rio Ave mereciam.

O sr. Nemésio de Castro não esteve mal tecnicamente, mas o mesmo não se pode dizer do ponto de vista disciplinar. Permitted entradas muito duras, algumas violentas, por parte de alguns vilacondenses e de Pinto Ribeiro a responder por todos os adversários. Acabou por mostrar um amarelo a um gesto desprevenido de um homem do Rio Ave que meteu a mão à bola. Para além da injustiça desta interpretação bizarra da lei, foi este livre que deu o golo de Reis.



# MARIE VIVA

## UMA CERTA DOSE DE MUDANÇA

Quando Sá Carneiro realiza o velho sonho de subir as escadas de Belém e as descer feito Presidente do Conselho de Ministros, sente-se que algo mudou. E tanto mais mudou quanto foi necessário, para este sonho, dar o braço a Freitas do Amaral, a D. Gonçalo R. Telles, a Medeiros Ferreira. Atrás de tais vultos primeiros, muitos outros, os mais estranhos, se escondem. O regime democrático restitui a antigos donos o poder que lhes foi tomado em 25 de Abril? Será?

Quando José Fonseca realiza o velho sonho de subir novamente escadas de poder, enfeitando-se para isso com o «emblema tricolor», vê-se que algo mudou. Surpresa? Claro que não. Se alguém ficou surpreendido foi a própria Aliança Democrática, que teve de adiar para melhores dias a (já preparada) faustosa celebração de uma vitória esmagadora...

Quando percorremos Espinho lés a lés, quando lhe vemos as casas, as ruas, a praia, os bairros, quando encontramos as pessoas e a ouvimos atentamente, quando abrimos os olhos bem abertos e queremos ver, então sentimos que Espinho não mudou. Não mudou o povo, não mudaram os seus problemas. E aí vai estar a grande questão. Por muitas razões, foram eleitos novos governantes. É um facto que os anteriores nem sempre terão satisfeito tudo o que seria justo esperar deles. Agora, aí está a mudança. Mas o povo, esse, é o mesmo.

Mudaram dirigentes, não mudou o País. Porque as eleições não fazem milagres.

Mudaram dirigentes, não se aligeiram as dificuldades. Porque uma coisa é prometer, outra é fazer. As promessas atingiram as nuvens. Esperemos agora...

Mudaram dirigentes, não mudou a vida. E esta é quem, no fundo, decide trabalhar, descansar, comer, habitar, rir — o direito a uma existência mais humana e mais feliz. É este direito que decide um voto. É este direito que corrige um voto anterior. Enfim, é este direito que irá fazendo mais e mais luz na cabeça de um povo tantas vezes iludido, domesticado, vigarizado, mas ainda vivo.

## EM CASTELO DE VIDE — 1954

Nessa casa, se os cantores não eram abruptamente despedidos logo ao começo da recitação, o que tantas vezes sucedia, estabelecia-se então rigoroso silêncio, como de quem aquiescia e estava ouvindo com agrado, o que impunha certa responsabilidade ao dirigente do grupo procurando este timbrar a voz ao som do instrumento pastoril.

«Já lá vem a barca nova  
Que fizeram os pastores...»

E desfiava toda a melopeia até final, fechando-a com rimados louvores aos donos da casa, tudo sempre repetido em coro, depois do que, no alto da escada se abria o postigo e por ela passavam castanhas e nozes ou várias outras frutas secas. Já na descida lançava-se ainda, em coro geral, a última quadra louvaminheira, se a dávida se revelara digna de louvor, e batia-se para outra freguesia, a repetir a poética canção em troca de novas ofertas.»

# AS JANEIRAS

*la-se pela noite, depois de jantar; e, levava-se uma cesta ou um saco; iam muitos e batia-se às portas das pessoas e cantava-se aquilo que se tinha ensaiado, uma coisa ou outra, já não me lembro bem. Uns davam alguma coisa outros mandavam entrar e davam aguardente e figos e nozes...*

*Era assim de noite, muitas vezes havia geada e a gente com os pés fazia barulho com o gelo, que estava geada; havia palha pelos caminhos e até com os archotes que levávamos, uns lampiões, brilhava o chão com a geada...*

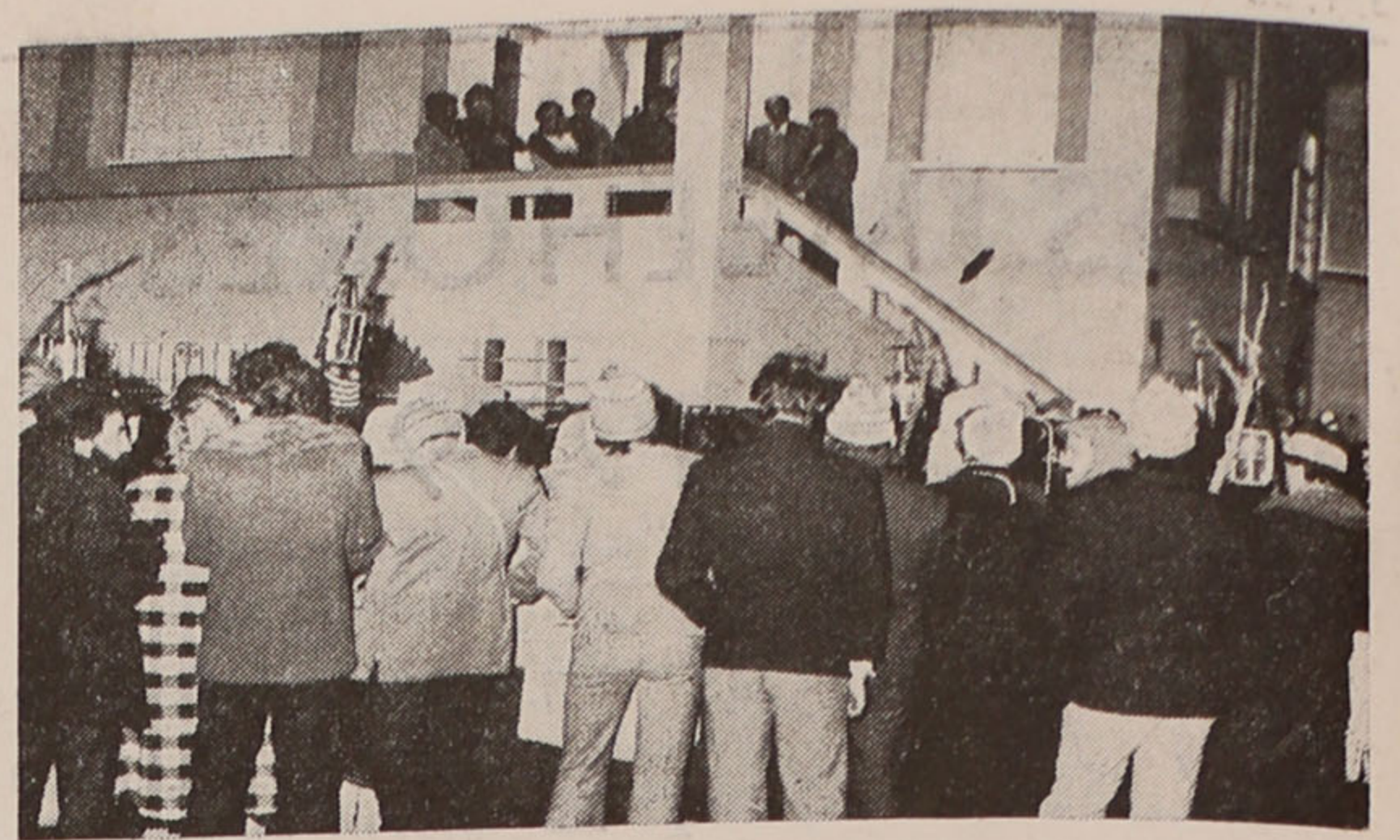
Zé Chanoca, outrora um duro cavador, janeireiro de voz sonante e harmoniosa, agora meio morto trôpego, uma voz desentoante de trovão cadente.

— Zé Chanoca, porque canta você as Janeiras?

— «Bem, vocemecê sabe, home, que quem canta sê mal espanta, nã é? E depois, sempre vêm algumas coisadas cá p'rá gente trencar e molhar as goelas».

— Isto agora está melhor ou pior do que noutros tempos Zé Chanoca?

— «Nã senhora, agora há muitos menos homes a janeirar. Já pouca maltezarria liga a essas bugigangas, há menos homes valente, p'ra isso cantigamente foram-se q'ase todos s'embora la p'ra fora p'rás Françaç ou p'rás Venezuela, eu sê lá. E esta moçada d'agora, quer é dar canhotadas na magana da bola e andar p'raí a cantarolar coisas aparvalhadas q'um home nã entende patavina».



As populações já se habituaram a aguardar com expectativa as «Janeiras» do C. P. E.

## À MARGEM

### QUEM QUER BOAS FESTAS, QUEM QUER ?

O dos ferrinhos parecia ser o chefe, embora mais miúdo que os outros. O instrumento era simples e ferugento, decerto feito por ele próprio: verguinha de ferro dobrada em triângulo, suspensa por um barço, um prego grosso na mão direita para tocar.

— Podemos cantar as boas-festas?

— Ainda é muito cedo para cantar as boas-festas! O Natal é só para a semana...

Além do chefe, eram mais dois. Um, o do tambor. Tambor mesmo, talvez comprado na Senhora da Ajuda. Um dos tampos já estava roto (que aquilo bem não era pele, não senhor); o outro, sujo e enrugado, parecia aguentar bem os golpes de um pedaço de pau arredondado na ponta.

— Minha senhora, podemos cantar as boas-festas?

— Vocês já cá vieram cantar...

— Não fomos nós, minha senhora.

— Vá, ponham-se a andar! Não pode ser nada... Todos os dias é istol...

O terceiro músico tocava pratos, daqueles pratos que já nós, em miúdos, tocávamos. Dois testos de panela todos amassados, um maior que o outro, alumínio barato. Em estatura, era ele o mais crescido. Cabelo louro despendeado, nariz sempre a

pingar. Se estava frio! — Era para cantar as boas-festas...

— Se vocês tivessem mas é vergonhal... Então andar assim a pedir pelas portas! Os vossos pais de certeza que não sabem, senão...

Estranho modo de fazer as coisas! Normalmente, os miúdos chegam e cantam. Depois, ou são escorraçados, ou ignorados, ou lá apanham vinte e cinco tostões. Estes não. Estes vinham oferecer os seus serviços, apregoavam mensagens de simpatia para quem quisesse ouvir. E quem queria?

— ... as boas-festas?

— Quais boas-festas, qual carapuçal! E vocês sabem lá cantar alguma coisa de jeito!

— Sabemos, sabemos. Nós até ensaiámos. Quer ver?

— Não, não quero ver. Eu até ia a sair. Vá, vá, vão lá embora, vão para casa que já é tarde. E deixem-se disso de andar a incomodar as pessoas.

Estranho mesmo. Então estaria tudo mal disposto? E o natal, o amor, a alegria, a paz, essas coisas todas? Era só para o dia 24 à noite? Os músicos lá seguiam, pacientes, a oferecer a sua mercadoria. Todas as portas, todas as capá-nhas.

Como cantavam? Não sei. Também não os ouvi.

# Assembleia Municipal

da A. M. tiveram para apreciar os orçamentos (foram-lhes entregues 3 dias antes) e o ter-se saído de um esgotante período eleitoral, marcaram a discussão praticamente nula. Acrescem as ilegalidades apontadas pela APU, como a falta obrigatória de parecer do Conselho Municipal.

Com votos contra da APU e a abstenção do PSD o orçamento da Câmara passou, podendo contudo ser revisto pelo próximo executivo e apenas permitindo as receitas e despesas correntes e as obras em curso. O orçamento dos S. M. E. foi aprovado sem discussão e apenas com a abstenção de um elemento do PSD.

## ERRO DE FUNCIONÁRIO

O Plano de Actividades da Câmara para 1980, por lapso de um funcionário, segundo informação do seu Presidente, enviado para discussão, era sem tirar nem pôr o de 1979. Punha-se o problema. Discutir o quê? — Um plano que já tinha sido aprovado? — Não fazia sentido. Tal ponto foi retirado da O. T. competindo ao novo executivo fazer a apresentação do mesmo. A ideia era de apenas meter em discussão o que constava do plano de 1979 e que não havia sido aprovado. Ainda assim, Artur Bártolo, saudou todos trabalhadores do Município, particular-

continuação da página 1

mente pelo esforço desenvolvido para a realização das eleições. — Daqui solicitamos à nova Assembleia para que nos seja entregue no início de cada sessão, bem como aos demais órgãos de comunicação porventura presentes, cópia dos documentos em discussão, para melhor podermos acompanhar o desenrolar das sessões de tão importante órgão autárquico. Esta Assembleia morreu. Viva a Assembleia. Lá estaremos na próxima, no desejo de aproximar as populações dos seus representantes.

## A GRANDE FESTA DAS JANEIRAS

Sábado, 5-1-80

22 horas

Salão da Piscina

Preço único de entrada:

Levar «comes» para a mesa comum



A Biblioteca Gulbenkian  
Rua 21 - ESPINHO

PORTE  
PAGO